

Grupos familiares, investimentos educacionais e o mercado escolar de São Paulo em 1930

*Graziela Serroni Perosa**

Resumo: Este texto apresenta o mapeamento e a estruturação progressiva do espaço de educação católica na cidade de São Paulo, entre 1890 e 1930. Analisamos os seguintes dados de pesquisa: 1) a expansão dos estabelecimentos de ensino católicos no período em estudo; 2) sua localização geográfica na cidade; 3) as propriedades sociais dos grupos sociais que recorriam a tais estabelecimentos. Nosso objetivo foi identificar as características da estruturação de um espaço privado de educação, no qual a ação do setor católico foi particularmente importante. Nossa hipótese é de que o conjunto de estabelecimentos de ensino católicos possuía propriedades sociais distintas, que os aproximava e os distanciava socialmente. Os resultados de pesquisa sugerem: 1) os colégios católicos estavam estruturados e hierarquizados por classe e gênero; 2) o investimento das famílias nos colégios católicos visava, antes de tudo, controlar não apenas a formação moral dos jovens, mas sobretudo, sua rede de sociabilidade; 3) no interior desses estabelecimentos de ensino estava em curso um programa de aprendizagem das diferenças sociais e do lugar de cada um na cidade e na sociedade. Trata-se de fornecer elementos para se pensar a configuração social do espaço educacional paulistano e, com isso, interrogar o papel da passagem por um sistema de ensino altamente hierarquizado socialmente, para a manutenção dos padrões de dominação que estruturam a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Expansão escolar, educação católica, desigualdades educacionais.

Abstract: This article intends to show the progressive building of the catholic education space in the city of Sao Paulo, in a term between the years of 1890 to 1930. We analyze the following research's data: 1) the catholic schools expansion in this term; 2) its location in the city; 3) the social groups' properties who demand this kind of school. The purpose was to identify the social features of the construction of a private space, in which the catholic sector was especially important. Our hypothesis is that the catholic schools group had different social properties which approximate themselves and distanced socially. The research results suggest: 1) the catholic schools were hierarchically structured by gender and class; 2) the families' investment targeted: to control not only the youth's moral formation but their sociability network; 3) inside the schools was working a learning schedule of social differences and the each one's place in the town and society. To provide elements to thinking the social configuration of the "paulistano" educational space and then to interrogate the pass by a highly hierarchical teaching system toward the maintenance of a domination's standards which structures Brazilian society.

Key-words: Families groups, educational investments, educational market.

* Doutoranda na Faculdade de Educação da Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Letícia Bicalho Canêdo. Apoio: FAPESP.

Se pudéssemos sobrevoar a São Paulo de 1920 com os olhos voltados para a identificação dos estabelecimentos de ensino, certamente teríamos a visão de um conjunto heterogêneo, com escolas de origens e tamanhos variados, localizadas em diversas regiões da cidade e, sobretudo, voltadas para atender demandas de grupos sociais diferentes. Essas edificações escolares, se assim as pudéssemos ver, seriam a demonstração do que descrevem cientistas sociais e urbanistas a respeito das transformações de São Paulo, já que a oferta de escolarização primária e secundária se expandiu vigorosamente, acompanhando o fantástico crescimento da cidade, entre 1890 e 1930. Data desse período a construção dos principais colégios católicos de São Paulo, assim como, entre outros, dos grandes prédios dos grupos escolares que, naquele início da República, acendiam o calor das discussões sobre a escola pública, dirigindo as primeiras reformas educacionais, que culminariam na organização do sistema de ensino nacional na década de 30 (NAGLE, 1977).¹

Este artigo apresenta alguns dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre as trajetórias sócio-profissionais de ex-alunas de três colégios católicos da cidade que atendiam a frações distintas da elite local. Para compreender a posição específica de cada um desses colégios em um conjunto heterogêneo de instituições escolares, realizamos um estudo sobre a progressiva instalação dos estabelecimentos de ensino católicos em São Paulo, entre 1890 e 1960. Reunimos sobre eles dados envolvendo sua fundação, sua localização na cidade, suas instalações físicas e as famílias que os procuravam.

A hipótese que dirigiu nosso trabalho é que o conjunto de estabelecimentos de ensino católicos possuía propriedades sociais distintas — que os aproximava e os distanciava, acompanhando a estrutura social da cidade — e, por esse motivo, estava simbolicamente hierarquizado. Nosso esforço foi tentar encontrar, nos documentos escolares, nos *sites* dos atuais colégios, nos Anuários de Ensino do Estado de São Paulo, em fotografias, depoimentos de ex-alunos e de religiosas que ali trabalharam, indícios e evidências sobre as propriedades sociais que os distinguiam uns dos outros e sobre a maneira como se percebiam uns aos outros. Os princípios que estruturavam a hierarquização desse conjunto de instituições escolares se tornaram mais nítidos quando sobrepusemos esses dados ao mapa da transformação da cidade.

São Paulo, neste trabalho, é tomada como um caso exemplar, no qual se notam, de forma até exacerbada, certos processos comuns a outros grandes centros brasileiros. Trata-se de uma cidade que, no período em estudo, passou por uma fase de grandes transformações, associadas sobretudo à chegada de um grande contingente de imigrantes estrangeiros, num momento em que se explicitava a

1. Ver também Souza (1998).

preocupação de determinados setores republicanos da sociedade em tratar a educação escolar como instrumento a serviço da unidade moral e política da nação.

Reconstruir teoricamente o florescimento do setor católico foi uma escolha baseada na constatação de que a Igreja Católica monopolizou o setor privado de educação escolar no Brasil durante longos anos. Pensar a posição da Igreja nesse contexto significa, assim, interrogar um pólo significativo do espaço educacional brasileiro. Significa também lançar o olhar para um setor do sistema de ensino intensamente utilizado pelos grupos dominantes para educar seus filhos.² No caso específico da educação das mulheres, a presença da Igreja Católica é ainda mais importante. Como demonstram outros estudos, a formação moral das moças foi objeto de um enorme investimento da Igreja, sobretudo em um período de transformações sociais como o que marcou o Brasil dos anos 20/30. Um investimento que se iniciou no final do século XIX e que se intensificou extraordinariamente na primeira metade do século XX, como atesta a lista de fundação de 82 estabelecimentos de ensino católicos, produzida por esta pesquisa para o período analisado. No entanto, como se verá mais adiante, o lugar social dos colégios católicos não pode ser compreendido sem referência aos outros colégios com que dividem o espaço escolar paulistano.

Na primeira parte deste artigo, a exposição privilegiou a descrição da progressiva instalação dos estabelecimentos de ensino nas diferentes regiões da cidade. Por meio desta descrição procuramos explorar alguns dos elementos que estruturaram a formação de um espaço de educação escolar em São Paulo, como sua hierarquização por classe e gênero, considerando: *i*) a instalação e a localização do colégio na cidade, *ii*) os grupos familiares que recorriam a elas e *iii*) as características dos programas de ensino oferecidos. Na segunda parte, procuramos discutir algumas das implicações e dos significados que podem ser extraídos do caso particular da expansão dos colégios católicos, para tentar encontrar dados gerais válidos para se pensar a emergência de um mercado escolar altamente desigual e hierarquizado.

A cidade: um espaço hierarquizado

A explosão demográfica da cidade de São Paulo se iniciou na segunda metade do século XIX. Em 1870, ela possuía cerca de 20 mil habitantes; vinte anos depois, o número de habitantes havia triplicado³. A partir de 1880, com o intenso crescimento da cidade de São Paulo, uma verdadeira corrida imobiliária teve início, transformando antigas chácaras rurais em loteamentos urbanos sofisticados. A

2. Sobre os investimentos educacionais das famílias de alta renda, consultar Almeida; Nogueira (2001).

3. IBGE, 2003, Estatísticas do Século XX.

observação da progressiva transformação desse espaço urbano mostra que, nesses loteamentos, as famílias de alta renda priorizavam um “entre si”, deixando lentamente de habitar o centro da cidade (VILLAÇA, 1998). Esses novos bairros se caracterizavam pelo fácil acesso ao centro, pela homogeneidade da vizinhança e pela presença de estabelecimentos de ensino católicos que “protegiam” as crianças e os jovens dos perigos imaginários presentes em uma cidade que não parava de crescer.

Refletir sobre esses bairros como lugares plenos de sentidos sociais permite ler o espaço geográfico da cidade como um todo estruturado e hierarquizado em homologia com o sistema de posições sociais⁴. Permite, ainda, considerar a localização geográfica dos colégios na cidade como um parâmetro decisivo na definição do lugar social desses estabelecimentos de ensino.

Para os habitantes de uma grande cidade, não é indiferente habitar em um ou outro ponto do espaço urbano. As distâncias dos centros comerciais, o acesso a eles e o tipo de equipamento social disponível em cada bairro diferem enormemente. Quando se observa a expansão da cidade de São Paulo nos anos 20, por exemplo, nota-se a formação de um espaço geográfico claramente estruturado, no qual os percursos dos grupos sociais em ascensão ou em decadência distinguem-se claramente⁵. Podemos localizar desde onde viviam os dirigentes da sociedade, os trabalhadores não especializados e os pequenos empregados qualificados. Dessa maneira, ter nascido aqui ou ali, estudar nesta ou naquela escola, viver nesta ou naquela cidade, num ou noutro bairro, passa a compor parte importante de um conjunto de experiências que nos ajudou a compreender o que fundamenta sentimentos de pertencimento social.

Para esta pesquisa, procuramos considerar a cidade como uma espécie de mestre, capaz de ensinar onde se nasce (na cidade e na sociedade), com quem se aprendem determinadas maneiras, gostos, esperanças, desesperanças e também as diferenças sociais. Deixamos que as ruas, os imóveis, as escolas, os lugares públicos nos falassem. Assim, seguir a cronologia e a geografia da criação dos colégios católicos se revelou uma forma interessante de interrogar a constituição de círculos relativamente fechados, nos quais estava em curso um programa de aprendizagem das diferenças sociais.

Notamos que, em meio à expansão da cidade, o *status* associado ao pertencimento às “grandes famílias” passou a ser acompanhado pela passagem por instituições educacionais prestigiadas, localizadas também em espaços geográficos e sociais exclusivos. De tal forma que a interrogação sobre a origem social, na fala de algumas mulheres entrevistadas no quadro desta pesquisa, estava mais associada às

4. Cf. Pinçon; Michel & Pinçon-Charlot; Monique (1997).

5. A esse respeito, consultar a análise de Pierre Bourdieu sobre as trajetórias dos personagens de Gustave Flaubert, no romance *Educação Sentimental* (BOURDIEU, 1996, p. 56).

instituições escolares (“Onde você estudou?”) do que ao grupo familiar (“De que família você é?”). Uma indicação clara de que a passagem pelo sistema de ensino agrega valores que não são meramente escolares, mas relativos a outras esferas de ação social.

A cidade, os colégios e suas famílias

Seguindo a pista da instalação dos colégios católicos na cidade, verificamos claramente como tais empreendimentos se iniciaram lentamente no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, tendo como primeiro público-alvo famílias de grandes proprietários rurais. Estas enviavam os filhos para os internatos católicos em São Paulo, construídos nos bairros onde se localizavam os principais equipamentos públicos do início do século XX. À medida em que a cidade se transformava, esses estabelecimentos de ensino católicos iam acompanhando a distinção entre o que conhecemos como “centro velho” e o “centro novo” da cidade⁶.

Assim, a construção da Estação da Luz, em 1901, deu origem, por exemplo, aos Campos Elíseos, um loteamento extremamente moderno para época, formado por ruas retas e largas, em oposição às ruas estreitas e sinuosas do centro “antigo” da cidade. Aí se localizava o Liceu Coração de Jesus, criado em 1885 e frequentado nessa época pelos filhos dos barões de café, que chegavam à cidade, desembarcando na estação de trem próxima⁷. O novo bairro se caracterizou por um conjunto de palacetes e casarões que mais tarde deu origem ao emblemático bairro de Higienópolis.

O mesmo ocorreu com a abertura da Avenida Paulista, em 1891, a única pista asfaltada da cidade, que contrastava com as muitas outras ruas, calçadas com macadame, madeira, pedrisco ou simples terra batida (SEVCENKO, 1992). A região loteada no entorno desta avenida foi objeto de uma enorme valorização imobiliária e nos anos de 1920 já era habitada pela nova elite da cidade: os industriais, os homens que enriqueceram com as atividades do setor financeiro, os altos funcionários públicos e os profissionais liberais bem estabelecidos (MARINS, 1998).

Em uma das extremidades da avenida, na fronteira com Higienópolis, instalaram-se os jesuítas com o Colégio São Luís — um internato procurado pela antiga elite agrária do século XIX — que se transferira de Itu para a capital, em 1918 e funcionava em regime de externato e semi-internato. Com a mudança, o colégio manteve-se fiel ao público atendido em Itu e abriu-se para uma nova elite

6. Cf. Villaça (1998). Ver também, Marins (1998).

7. Fernando de Alcântara de Orleans e outros membros da família real no Brasil estudaram no Liceu Coração de Jesus, bem como o escritor Monteiro Lobato.

urbana de São Paulo. Lá concluíram os estudos vários dirigentes políticos brasileiros⁸.

O Colégio São Luís passa a disputar socialmente o mesmo público que o Ginásio São Bento — fundado por padres beneditinos em 1903 e localizado no centro antigo da cidade, até então o internato mais prestigiado da cidade, onde se formaram inúmeros intelectuais brasileiros e dirigentes políticos⁹.

Os equivalentes femininos desses dois estabelecimentos de ensino eram o Colégio Nossa Senhora do Sion, criado em 1901 com a ajuda do então governador da província Rodrigues Alves, e materializado num imponente edifício na Avenida Higienópolis¹⁰. Em 1907, surgiu o Colégio das Cômegas de Santo Agostinho, apelidado depois de Colégios Des Oiseaux, uma referência direta ao Collège Notre Dame Des Oiseaux de Paris. Aqui o colégio foi instalado na Rua Caio Prado, na época ainda considerada como parte de Higienópolis, e passou a disputar com o Colégio Nossa Senhora do Sion o mesmo grupo de famílias.

O grupo social que procurava esses colégios masculinos e femininos se caracterizava pela longevidade de sua fortuna: tratava-se da mais antiga elite econômica do País e distinguia-se pela posse de diferentes tipos de capitais, acumulados ao longo de várias gerações: capital cultural, social, político e simbólico, muitas vezes expresso apenas pela presença de um sobrenome conhecido (PINÇON; PINÇON, 1998).

Na extremidade sul da Avenida Paulista, no sentido oposto ao de Higienópolis e numa região menos valorizada no mercado imobiliário, surgiram grandes internatos católicos voltados para os grupos de classe média, tais como o Externato São José, criado em 1918, e o internato Madre Cabrini, em 1926, dedicados à formação de meninas. Recorriam ao externato desses estabelecimentos de ensino as famílias da nova classe média, formada de pequenos e médios comerciantes, pequenos industriais e, sobretudo, pelos funcionários públicos assalariados, um grupo que cresceu em consequência do alargamento da área de intervenção do Estado na economia e da dilatação do sistema administrativo do País (PINHEIRO, 1977).

É essa nova classe média que vai ser muito disputada pelos colégios católicos de ordens religiosas dominadas no interior da Igreja. Diferentemente dos colégios católicos de elite, essas ordens religiosas lograram manter e ampliar externatos e

8. Paulo Salim Maluf, Eduardo Matarazzo Suplicy e Luis Carlos Bresser Pereira são alguns dos ex-alunos do colégio (REVISTA VEJA, 2001).

9. Oswald de Andrade, Caio Prado Junior, Sergio Buarque de Hollanda e André Franco Montoro são alguns bons exemplos.

10. A pintora Tarsila do Amaral foi transferida para o internato do Colégio Nossa Sra. do Sion, tão logo ele foi instalado na cidade.

colégios localizados em bairros de menor prestígio social, atendendo um público pagante, filhos de famílias em início de ascensão social, que viam nas escolas católicas um investimento educacional oportuno para ampliar, manter ou recuperar a posição social da família.

Para os meninos, a opção na direção do extremo sul da Avenida Paulista era o antigo Colégio Diocesano, que fora transferido para a Vila Mariana, sob a direção de padres maristas. O público no internato era composto de grandes proprietários de terra e dirigentes políticos do interior ou de outras regiões do Brasil¹¹. Tratava-se de um grupo de famílias pertencentes a uma fração menos estabelecida na sociedade paulista do que aquelas que procuravam o São Bento e o São Luís, estas em geral detentoras de patrimônios mais antigos e pertencentes ao quadro de dirigentes políticos nacionais. Enviar os filhos para esses colégios era um investimento educacional elevado, principalmente quando consideramos que havia internatos católicos femininos e masculinos espalhados por todo o interior do Estado e por várias regiões do Brasil.

As transformações da cidade opõem os bairros mais ricos aos subúrbios, instalados na porção leste da cidade, uma ampla várzea inundável que, quando ultrapassada, dava acesso a uma região plana e considerada sem atrativos naturais. Toda esta região deu origem a bairros operários como o Brás, a Moóca, o Pari, o Cambuci, ocupados por artesãos, operários e empregados qualificados, muitos recém-chegados na cidade, e que trabalhavam nas inúmeras fábricas e grandes armazéns do comércio instalados nessa área. Tais atividades econômicas atraíram um vigoroso comércio local, que transformou o Brás em um grande centro comercial e palco das principais revoltas operárias do início do século. A composição social dessa região foi progressivamente constituída não apenas dos trabalhadores manuais das fábricas, mas também por uma classe média de pequenos comerciantes, trabalhadores assalariados e trabalhadores dos serviços terciários.

As ordens religiosas que possuíam trunfos mais frágeis no interior da Igreja Católica se instalaram nos bairros operários e de classe média, não sem a ajuda do Estado, que subvencionava esses estabelecimentos em troca de serviços prestados à comunidade local, como as casas de misericórdia ou os orfanatos. Recebiam ainda a ajuda de fábricas do bairro e, por meio disso, lograram ampliar o número de alunos, explorando, sobretudo, o mercado dos diplomas profissionalizantes¹².

Já em 1919 havia um estabelecimento de ensino católico em cada núcleo residencial da zona leste. A primeira fundação foi na Móoca, em 1901: uma pequena escola paga para crianças alemãs, a escola primária mista Santo Adalberto que, em 1946, tornou-se o Colégio Santa Catarina. Segue-se o Externato Nossa Senhora

11. Entre os ex-alunos do colégio, há Jânio Quadros e Fernando Collor de Mello.

12. Sobre a segmentação do sistema de ensino entre cursos clássicos e técnicos, ver Ringer (2003).

da Glória, em 1902, no Cambuci, gratuito e voltado para dar abrigo a filhos de operários imigrantes, sobretudo italianos, que viviam na região. Em 1918, instalou-se na Penha a Escola Normal São Vicente de Paulo que, em alguns anos, passou a receber um número maior de alunos do que a prestigiada Escola Normal Caetano de Campos, localizada na Praça da República. No Belém e no Pari, estabelecimentos de ensino desse tipo foram instalados em 1918 e 1919: uma escola de catequese para crianças pobres, que mais tarde se tornou o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, e o Grupo Escolar Santo Antônio, mais tarde Colégio Santo Antonio do Pari. Muitos desses estabelecimentos de ensino funcionaram como enfermarias durante a epidemia de gripe espanhola que assolou a cidade em 1918¹³.

A descrição detalhada da criação de cada estabelecimento católico e o esforço para localizá-los na cidade e na sociedade paulistana das primeiras décadas do século XX são necessários, se quisermos olhar essas instituições escolares umas em relação às outras, e não como detentoras de um significado em si mesmas. Grandes ou pequenos, a carreira social desses estabelecimentos de ensino é tributária da origem dos seus fundadores e da relação que eles mantiveram com grupos sociais e gerações bem determinadas da sociedade brasileira. Na realidade, a criação de cada uma dessas escolas traduz uma determinada acomodação de interesses dos grupos familiares e da instituição.

○ *boom* dos colégios católicos

O ritmo de criação dos estabelecimentos de ensino católico foi intenso entre 1900 e 1930, com cerca de sete novas instalações por década, até 1930. A partir daí, o ritmo se acelerou e, até 1940, foram criados dezessete estabelecimentos de ensino católicos na cidade de São Paulo. Entre 1930 e 1940 inauguraram-se, também, trinta e uma escolas públicas e nove escolas privadas laicas. Tratou-se, portanto, de um período — na história da educação paulista — marcado pela expansão da oferta escolar em todos os setores e segmentos do sistema de ensino.

A tentativa de absorver a demanda por escolarização, resultado do crescimento populacional de São Paulo no início do século XX, foi extremamente forte por parte da Igreja Católica. Assim, o vulto do empreendimento católico até 1950 chama a atenção, quando o comparamos com o número de estabelecimentos de ensino criados, tanto pelo setor público, como pelo setor privado. Em relação ao primeiro, pode-se afirmar que, a criação de cada duas escolas públicas, entre 1940 e 1950, correspondia à abertura de uma nova escola católica. Quanto ao setor privado, a Igreja monopolizou o setor até meados da década de 1960, quando a

13. Fonte: Diretoria Geral de Instrução (1915), *Anuário do ensino de São Paulo* (1914). Consultar também Fernandes (1998).

entrada de grupos empresariais no mercado educacional dissolveu sua liderança em termos do número de estabelecimentos de ensino¹⁴.

Essa acelerada expansão foi o resultado de um conjunto de fatores. Do ponto de vista do Estado, a expansão das escolas católicas sempre foi considerada de interesse “público”. Alegava-se que tais estabelecimentos supriam a ausência de escolas públicas e prestariam serviços relevantes à população mais pobre da cidade, o que justificava oficialmente o fato de boa parte dessas instituições receber alguma subvenção estatal¹⁵.

Do ponto de vista da Igreja Católica, essa atuação vigorosa no setor educacional até 1940 deve ser compreendida como parte das suas lutas pela expansão patrimonial e organizacional que marcou sua história no Brasil nesse período, como mostrou Sergio Miceli, em seu estudo sobre a elite eclesiástica brasileira (MICELI, 1988). Por meio inicialmente dos seminários e depois dos colégios, a Igreja Católica pôde estabelecer sólidas alianças com os setores oligárquicos brasileiros. As doações de terrenos e os subsídios governamentais para a criação e manutenção desses estabelecimentos educacionais, e o fato de que muitos dirigentes políticos confiavam a educação de seus filhos aos grandes colégios católicos, ajudam a entender o êxito desse empreendimento. Para a Igreja Católica, a expansão dos colégios foi uma maneira eficiente de acomodar materialmente as centenas de ordens religiosas que chegavam ao Brasil, vindas principalmente do continente europeu.

Em uma sociedade que se tornara extremamente católica, a Igreja encontrava-se em condições privilegiadas para obter sucesso nesses empreendimentos. Além do prestígio acumulado com os internatos do século XIX, espalhados pelo Brasil, e dos convênios da Cúria com o Estado, que garantiam a destinação de recursos financeiros, havia um clima cultural extremamente favorável a esses investimentos. Oswald de Andrade narra em suas memórias o episódio ocorrido por volta de 1900, em que explica porque foi transferido do primário da Escola Normal Caetano de Campos para o Ginásio São Bento: “Tive excelentes mestras. Depois passei para a aula do professor Seu Carvalho, que era um ateu danado. Tanto que deu origem a uma salvadora denúncia que levei imediatamente à minha mãe. Ele tivera a audácia de afirmar em aula que Deus era a Natureza. Fui logo retirado daquele antro de perdição” (ANDRADE, 2002).

Por volta dos anos 20, não apenas em São Paulo, mas também em vários outros centros urbanos brasileiros, os homens letrados expressavam publicamente o temor de que a concentração urbana trouxesse consigo uma série de graves perigos.¹⁶ Tal temor gerou uma profunda associação entre industrialização, urbanização e

14. Análise com mais detalhe os dados sobre a expansão do setor católico, em Perosa (2003).

15. Consultar *Anuário do Ensino de São Paulo*, publicação organizada pela Diretoria Geral da Instrução Pública, São Paulo, 1914, p.585-591.

16. Consultar, por exemplo, Costa (1989).

desmoralização dos costumes¹⁷. Inquietações compreensíveis — numa São Paulo que crescia vertiginosamente — que diziam respeito, sobretudo, ao tipo de convívio social que a cidade grande propiciava aos jovens.

É sugestivo o caso de uma ex-aluna de um colégio católico em 1940. Filha de um professor do ensino secundário, ela teria dito aos pais não suportar mais o “colégio das freiras”, insistindo para que o pai a transferisse de escola. Os pais, inicialmente pouco dispostos a atender ao pedido da filha, cederam ao final do ano, quando a menina, até então excelente aluna, obtivera suas piores notas. Os pais ouviram das irmãs que, caso matriculassem a filha em um colégio laico, ela iria “se prostituir”¹⁸.

Na primeira metade do século XX, com todas as transformações indissociavelmente econômicas e sociais pelas quais São Paulo passava, os colégios privados e os confessionais, em especial, surgiram como uma das formas utilizadas pelas famílias para manterem sob controle a educação moral dos seus filhos. A família, até então lugar natural de regulação da moralidade, via-se exposta aos efeitos sociais de uma economia que começava a se auto-regular, “fora” do controle dos homens¹⁹. Nesta atmosfera, os espaços educacionais mantidos pela Igreja Católica foram percebidos por muitas famílias como um prolongamento do espaço doméstico, onde a “alma” estava sendo educada.

A Igreja Católica, assim, monopolizou não apenas a educação dos grupos socialmente dominantes, mas tentou também controlar a educação dos grupos dominados, através da criação de estabelecimentos de ensino voltados para eles. Se considerarmos que a Igreja Católica exerceu, na primeira metade do século XX, um papel central na articulação de movimentos de ação católica, que incidiam sobretudo sobre os mais jovens, vemos que sua influência não se ateve apenas aos colégios. Na realidade, houve uma tentativa bem articulada de monopolizar a formação da juventude brasileira, através de um conjunto coordenado de ações, dentre as quais os estabelecimentos de ensino foram uma estratégia central²⁰.

Algumas variações de classe e gênero da “boa educação”

A expansão progressiva dos estabelecimentos de ensino católicos permite examinar a estruturação de um espaço de educação escolar altamente diferenciado,

17. Ver, por exemplo, análise de Joan Scott (1990) sobre o caso da sociedade francesa, em artigo sobre a representação dos economistas políticos a respeito das mulheres trabalhadoras no século XIX.

18. Depoimento obtido durante entrevista de pesquisa (outubro de 2001).

19. Sobre a relação entre as apreensões de um grupo social e as transformações econômicas e sociais, ver Fritz Ringer (2001); Scott (1990), sobre os temores provocados pela entrada das mulheres no mercado de trabalho francês.

20. Ver Miceli (1988).

no qual instituições públicas e privadas estão postas, dialogam e concorrem entre si. Ao examinar essa diferenciação interna ao setor católico, nota-se que havia projetos educacionais distintos para cada grupo social. Mais do que o resultado de uma disputa dos fundadores dos colégios para ocupar diferentes fatias de um novo mercado, o mercado escolar, tratava-se na realidade de uma verdadeira batalha no interior da qual os grupos de famílias iniciavam processos de diferenciação social (BOURDIEU, 1997). Assim, inscrever os filhos para estudar neste ou naquele estabelecimento educacional, público ou privado, católico ou laico, era também um claro sinal de distinção social.

Uma das implicações desta luta particularmente interessante para o caso brasileiro, foi a instituição e a circunscrição de um espaço percebido como o da “boa educação”, no qual o setor católico teve participação especial durante o período analisado²¹. Longe de ser um conjunto de habilidades universais, os critérios que orientam o julgamento do que seja uma “boa educação”, nas sociedades industrializadas, tem como ponto de partida a admissão explícita ou tácita de que uma “boa educação” confere o direito de exercer o domínio sobre aqueles que receberam uma educação de “má qualidade”. Essa divisão foi tradicionalmente operada, sobretudo nos países europeus, a partir da rejeição a uma educação utilitária e da valorização da educação clássica (RINGER, 2003). Uma exploração da maneira pela qual o espaço educacional paulistano de nível secundário estava simbolicamente estruturado até 1930, bem como suas variações de classe e gênero, lançam pistas para se pensar o caso brasileiro.

A cidade de São Paulo possuía, até 1930, apenas três escolas públicas secundárias, contra quarenta escolas secundárias privadas. Boa parte delas mantida pela Igreja Católica²². Nessa época, a boa escola pública, reconhecida pelo seu alto nível educacional e capaz de garantir o acesso de seus egressos aos prestigiados espaços das escolas superiores de São Paulo, era para poucos.

Para os meninos, a grande oportunidade era o seletivo Ginásio do Estado de São Paulo, conhecido simplesmente como o Ginásio da Capital. Fundado em 1892, localizava-se no centro da cidade e abrigava menos da metade do número de alunos da Escola Normal Caetano de Campos. Era exclusivamente masculino até meados dos anos 30, e mais tarde passou a ser denominado Colégio Estadual Presidente Roosevelt. Possuía uma grade curricular claramente orientada para o ingresso nas prestigiadas escolas superiores da cidade, particularmente a Escola do Largo de São Francisco, a Escola Politécnica e a Escola Paulista de Medicina. Distinguia-se,

21. Monique de Saint-Martin desenvolve a idéia da “boa” educação dos grupos dominantes na França (SAINT-MARTIN, 1990).

22. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, de 1935*. Publicação da Diretoria Geral de Instrução Pública.

portanto, por oferecer um programa de ensino clássico, que se opunha simbolicamente à formação técnica ou profissional, oferecida aos meninos em outros estabelecimentos de ensino da cidade.

Os espaços mais democráticos eram as Escolas Normais da cidade: a grande Escola Normal Caetano de Campos, conhecida simplesmente como Escola Normal da Praça, localizada no centro da cidade e a Escola Normal do Brás, com menor número de alunos e localizada na região leste. Ambas eram predominantemente femininas²³. Nesses estabelecimentos de ensino oferecia-se uma formação clássica, apesar de sua função de habilitar ao exercício do magistério, na época uma carreira feminina altamente valorizada²⁴.

No setor católico, a “boa educação” variava em função do sexo e da classe social dos alunos. Os colégios católicos masculinos voltados para os grupos dominantes se aproximavam da educação oferecida pelo Ginásio da Capital, com a diferença de que possuíam uma ênfase na formação moral. Diferenciavam-se, entretanto, por propiciar às famílias a possibilidade de garantir aos meninos uma rede de sociabilidade altamente controlada, circunscrita às camadas da população socialmente “elevadas”.

Assim a “boa educação” católica dos grupos dominantes estava intimamente associada não apenas aos valores da formação cristã, mas também à idéia das “boas companhias”. Elas seriam supostamente “superiores”, não apenas do ponto de vista moral, mas potencialmente úteis do ponto de vista social, na medida em que no período escolar se estabelecem solidariedades que podem resultar na ampliação do capital social das famílias, seja por meio das alianças matrimoniais, seja por meio de negócios virtualmente possíveis “entre amigos”. Por isso, as famílias dos grupos de alta renda aceitavam arcar com os altos custos econômicos que a manutenção dos filhos nos grandes internatos católicos implicava e abdicavam progressivamente dos espaços de educação pública. Em troca, assumiam maior controle sobre o tipo de socialização que cada estabelecimento de ensino garantia aos seus filhos e sobre a rede de sociabilidade que essas instituições permitiam construir.

Nos colégios católicos masculinos destinados aos grupos de alta renda, os rapazes recebiam uma formação completa orientada para a ocupação das posições sociais dominantes. Boa parte do programa de ensino era consagrada ao estudo do latim, do francês e de literatura, disciplinas-chave para a formação de uma disposição ao mesmo tempo social e psicológica para “tomar a palavra”, habilidade quase

23. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, de 1914*. Publicação da Diretoria Geral de Instrução Pública.

24. Sobre as peculiaridades dos programas de ensino secundário neste período, ver discussão realizada por Nagle (1977, p. 264).

imprescindível para o exercício de posições dominantes. Já havia, evidentemente, um claro incentivo para que os rapazes ingressassem nas carreiras de advocacia, medicina e engenharia nas prestigiadas escolas superiores da cidade²⁵.

Para as meninas desse mesmo grupo social, a prioridade nesse período era a formação de mulheres aptas a ocupar o lugar de esposas e colaboradoras felizes das carreiras dos homens da elite, dedicadas exclusivamente às suas famílias e a atividades caritativas. Filha de proprietários rurais, M. L. ingressou, em 1929, em um internato para famílias em início de ascensão social e lembrou-se do repetitivo exercício de francês, “*je suis modeste et soumise*”. Os depoimentos obtidos e a literatura sobre o tema sugerem que a expectativa das famílias no que se refere ao desempenho intelectual das meninas no período em questão se concentrava no conhecimento de literatura e na aprendizagem do francês (MANOEL, 1996).

Ao contrário da formação recebida nas Escolas Normais da cidade, os colégios católicos femininos punham acento na formação moral, e não profissional. Inicialmente apenas os estabelecimentos de ensino católicos que precisavam explorar nichos do mercado escolar ofereciam cursos profissionalizantes. Tanto é que um dos colégios femininos mais emblemáticos da antiga elite paulista nunca teve curso Normal e seu secundário era denominado simplesmente “humanidades”. Muitas moças, egressas dos colégios de freiras, que ambicionavam estender sua formação, migravam no secundário para a Escola Normal Caetano de Campos, conforme demonstram resultados sobre a escolarização dos pais, obtidos por meio de questionários com ex-alunas de três colégios confessionais femininos dos anos 1950.

Na realidade, no período em questão, a formação das moças de elite estava apoiada principalmente em um vasto programa de ensino que incidia principalmente sobre a produção de uma imagem de si²⁶. O cuidado contínuo com a aparência e com a apresentação de si, apreendidos, por exemplo, nos rituais de observação minuciosa dos uniformes, compunham uma espécie de “certificado de moralidade” que a passagem pelas instituições católicas tendiam a garantir. Uma ex-aluna de um austero colégio católico para moças da burguesia ascendente lembrou-se, durante uma entrevista de pesquisa, que, considerada desafinada para o coral da missa, era obrigada a permanecer fazendo apenas os movimentos labiais. Mais do que ser afinada, importava parecer não destoar do ideal de moça comportada, um critério largamente utilizado para julgar a “boa educação” das meninas, pelo menos até meados dos anos 50. Por meio das imposições dessas violências simbólicas, formava-se também esta disposição ao mesmo tempo física e psicológica das mulheres “de classe”, de parecer sempre no tom certo (SAINT-MARTIN, 1990).

25. Ver, por exemplo, a biografia de Franco Montoro (2001).

26. Ver Pierre Bourdieu (1977, p.2-5).

Para os grupos dominados, a “boa educação” estava definida sob outros critérios. Nas escolas voltadas para os filhos de operários, tratava-se, antes de tudo, de oferecer abrigo e instrução para as crianças e jovens cujos pais saíam cedo para trabalhar e voltavam no final do dia. Predominava um ensino rudimentar nas primeiras séries e, no secundário, os cursos técnicos voltados para a aprendizagem rápida de um ofício. A descrição encontrada em um texto produzido por um desses colégios não deixa dúvida sobre como, nessas escolas, estava em curso um verdadeiro programa de restrição das ambições educacionais dos meninos: “os alunos eram bons, mas temiam o trabalho e geralmente tinham pouca aptidão. Não visavam o bacharelato. Desde que aprendiam o indispensável, iam à procura de um trabalho para a ajuda familiar”²⁷.

Os poucos estabelecimentos de ensino que ofereciam o nível secundário, concentravam-se nos cursos técnicos: serralheria, alfaiataria, tipografia e encadernação, para os moços, e bordados, estenografia, datilografia e correspondência comercial para as moças. Tal formação técnica poderia garantir a entrada no mercado de trabalho como operários qualificados e, para este grupo social, esta podia ser considerada a “boa educação”.

À guisa de conclusão

Essa disputa silenciosa em torno dos limites da “boa educação” foi inicialmente polarizada entre escolas católicas e algumas escolas públicas. Esse quadro se altera substancialmente a partir dos anos 20/30 do século XX, com a ampliação e o fortalecimento do número de escolas privadas não católicas, laicas ou não. No caso de São Paulo, não é desprezível o vulto de estabelecimentos de ensino criados por imigrantes. O Colégio Dante Alighieri, de 1911, é apenas um bom exemplo da força dos investimentos das colônias de imigrantes. Uma longa sucessão de exemplos poderia ser apresentada²⁸.

Em oposição à oferta de escolas públicas, “igual para todos”, vigorosamente ampliada a partir dos anos 30, a crescente abertura dos colégios privados, confessionais ou não, aumentou a competição por uma educação “diferenciada”, baseada em métodos pedagógicos considerados inovadores, como contraponto à velha pedagogia tradicional²⁹. Não por acaso, o homem que dirigiu a Reforma Educacional de 1920 em São Paulo foi também o criador do bem sucedido Colégio

27. *Celebrando os 100 anos*, edição comemorativa do centenário do Colégio Marista Nossa Senhora da Glória. São Paulo, novembro de 2002.

28. Conferir artigo de Adriana Lech Cantuária, nesta coletânea.

29. Ver artigo de Ana Maria Almeida (2002), que analisa as estratégias de diferenciação de um colégio de padres em São Paulo, nos anos sessenta.

Rio Branco, em 1926, um empreendimento que resultou da associação de uma equipe de educadores profissionais e de grupos empresariais³⁰.

A imposição dos princípios de classificação e a circunscrição permanente do espaço da “boa educação” em São Paulo leva a pensar na constituição de um outro pólo, que progressivamente se impõe como educação de “baixa qualidade”. Se, em 1920, o Ginásio de São Paulo e a Escola Normal Caetano de Campos monopolizavam a educação secundária pública e eram percebidos como representantes da mais alta excelência escolar, muito lentamente ocorreu um declínio progressivo da valorização moral e material destes estabelecimentos de ensino que precisa ser investigado em relação à estruturação de um espaço de educação escolar privado altamente diferenciado e muito bem estabelecido na cidade.

Acompanhar a criação dos estabelecimentos católicos, bem como o esforço realizado nesta pesquisa para apreender as propriedades sociais que os distinguem uns dos outros é uma forma, não a única, de interrogar a formação e a estruturação de um competitivo mercado escolar na cidade, no qual estão em jogo apostas em valores não apenas econômicos, mas também simbólicos.

A formação de um mercado de educação escolar na cidade de São Paulo, simbólica e objetivamente hierarquizado por classe e gênero, ajuda a pensar as homologias, na sociedade brasileira, entre desigualdades educacionais e desigualdades sociais. O estudo da segmentação interna do sistema de ensino e dos possíveis efeitos da passagem por cada um desses segmentos constitui-se em uma ferramenta útil, embora freqüentemente desprezada, para uma reflexão sobre o papel da instituição escolar na reprodução dos padrões de dominação que estruturam a sociedade brasileira.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ana. Um colégio para a elite paulista. In: ALMEIDA, Ana; NOGUEIRA, Maria Alice. *A escolarização das elites*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, Ana; NOGUEIRA, Maria Alice. *A escolarização das elites*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ANDRADE, Oswald. *Um homem sem profissão*. São Paulo: Ed. Globo, p.51, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 56, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'état*. Paris, Les Éditions de Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas*. Campinas: Papyrus, 1997.

30. Um ex-aluno relatou que seu pai teria recebido um telefonema convidando-o a matricular seus filhos no novo colégio. Depoimento obtido em entrevista de pesquisa realizada em 04/03/2004.

- BOURDIEU, Pierre. Une classe objet. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nov., n.17/18, p.2-5, 1977.
- CINQUENTA MELHORES escolas da cidade. *Revista Veja*, n.39, ano 34, out.de 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Xenon, 4. ed., 1989.
- FERNANDES, Paula (org.). *Guia dos documentos históricos na cidade de São Paulo, 1554-1954*. São Paulo: Hucitec/NEPS, 794 p, 1998.
- MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina: uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996.
- MARINS, Paulo G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: Sevcenko, Nicolau & Moraes, Fernando. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesástica brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, p.146, 1988.
- MONTORO, André Franco. *Memórias em linha reta*. São Paulo, Editora Senac, 2001.
- NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. *O Brasil republicano*. Col. História Geral da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Difel, tomo 3, p. 261-291, 1977.
- PEROSA, Graziela. A formação do espaço da educação de “alta qualidade” em São Paulo (1890-1950). *Anais da 27ª. Reunião Anual da Anpocs*. Caxambu, 2003.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Grandes fortunas*. Paris: Payot, 1998.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris: Payot, 2003.
- PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. *Voyage en Grande Bourgeoisie*. Puf. p. 15, 1997.
- PINHEIRO, Paulo Sergio. Classes médias urbanas, formação, natureza, intervenção na vida política. In: FAUSTO, Boris. *História da Civilização Brasileira*, tomo III, v. 2, p.9-37. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- RINGER, Fritz. La segmentation des systèmes d'enseignement. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 149, p.6-18, 2003.
- RINGER, Fritz. *O declínio dos mandarins alemães*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SAINT-MARTIN, Monique. Une “bonne” éducation: les oiseaux, à Sèvres. *Revue Ethnologie française*, v. 20, p.60-70, 1990.
- SCOTT, Joan. Louvrière, mot impie, sordide. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 83, 1990.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização*, São Paulo, Unesp, 1998.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Fapesp, 373 p., 1998.